

As tradições líticas de uma região do Baixo-Médio São Francisco (Bahia)

Talvez possa parecer descabida a pretensão de preparar um trabalho de síntese sobre uma região arqueológica ainda não bem conhecida, num país onde as investigações do pré-cerâmico apenas começaram e a bibliografia é deficiente, pouco informativa e assistemática, resultando, assim, de pouco auxílio na tarefa que aqui se aborda.

Nem mesmo a terminologia, caótica em todas as Américas, e principalmente no Hemisfério Sul, foi devidamente estabelecida, apesar dos esforços sérios, mas insuficientes, de Annette Laming e sua equipe da Universidade do Paraná.

A falta de critério científico, na maioria das publicações disponíveis sobre pesquisas em sítios líticos brasileiros, faz com que sejam pouco menos que inúteis. Tudo o que se tem publicado até agora sobre as cavernas da região de Lagoa Santa — as mais conhecidas no Brasil e no Exterior — está irremediavelmente prejudicado pelo

amadorismo com que foram feitas as escavações e as publicações em português, e mesmo pelo desejo de constatar, apenas, a presença de vestígios do homem em estratos arqueológicos de grande antiguidade, desprezando as evidências de ordem cultural, demonstrado por investigadores estrangeiros que ali trabalharam.

Os complexos líticos têm sido insuficientemente descritos, preocupados que estavam os pesquisadores com a presença de pontas de projétil, usando uma terminologia arbitrária, sem sistematizar as classificações, sendo rara a aplicação de métodos estatísticos para a caracterização dos referidos complexos.

Por outra parte, as pesquisas que vêm sendo realizadas em sítios pré-cerâmicos no sul do País, até agora, poucas delas foram publicadas, com a minúcia que é de desejar para que possam ser devidamente utilizadas.

Contudo, esta situação que descrevemos deve encorajar os estudiosos a tentar estabelecer as bases de uma arqueologia lítica científica, como já se fez com as tradições e fases cerâmicas, sem os personalismos que tanto têm prejudicado estes estudos em outros países sul-americanos, criando uma espantosa multiplicidade de indústrias e complexos, com nomes sonoros, apresentando alguns artefatos que consideram básicos, procurando dar-lhes nomes novos, e, silenciando os restantes que seriam, sem dúvida, os que caracterizariam os complexos.

Impõe-se desde já a necessidade de se estabelecerem coordenadas regionais, embora com os escassos elementos disponíveis, para não cair nos mesmos erros que criticamos.

Assim, acreditamos que não é prematura uma síntese dos conhecimentos que temos sobre o assunto em áreas onde foram realizadas pesquisas, cujos resultados já estão à disposição dos estudiosos, que venha servir de documento para discussão. Com esse intuito foi escrito este trabalho.

A AREA E SUA ECOLOGIA

Até agora, não têm sido pródigas em sítios líticos as regiões investigadas na Bahia e nos Estados circunvizinhos do Norte. Entretanto, uma dessas regiões, a do Médio-Baixo São Francisco, demonstrou um potencial em sítios arqueológicos desse tipo, suficiente para fornecer os dados e as observações necessárias para identificar algumas tradições, possivelmente de ampla difusão no horizonte lítico brasileiro. Essa região compreende a margem pernambucana do rio São Francisco, desde Petrolândia até Cabrobó, certamente uma das mais áridas em todo o sertão sanfranciscano. Nela, o período de chuvas mais acentuado no verão, com tendência a estender-se ao outono, coincide com a zona da depressão semi-árida, ao longo do

rio, desde Petrolina até, provavelmente, Petrolândia. Neste clima, a característica maior é a bem definida estação seca do inverno, com um total anual, que é o mais baixo de toda a região, variando entre 407 e 600 mm. A temperatura média anual é elevada. No período do inverno (estiagem), é sensível a diferença entre a temperatura do dia e a da noite.

Em função do clima, as águas correntes superficiais são de caráter temporário em toda a região. O São Francisco, como que indiferente às restrições do clima sertanejo, é o único rio perene, constituindo na época da seca um espetáculo singular. Os rios temporários fluem apenas durante a estação chuvosa e secam por completo no período da estiagem. Excetuando o São Francisco, nenhum curso de água, dentro da região explorada, presta-se à navegação.

É digno de nota que junto ao majestoso rio não se observa qualquer formação que possa ser considerada como mata ciliar ou coisa semelhante; a caatinga, dominante em toda a região, vem até próxima às margens, sem modificações.

Partindo da cachoeira de Paulo Afonso em direção a Petrolândia, tem-se, a princípio, a caatinga de pouca altura, e, principalmente, a arbustiva, rica em cactáceas. À medida em que se sobe pela margem do rio, o solo torna-se raso, pedregoso, aparecendo grandes manchas completamente desnudas. As condições tornam-se extremamente xerófilas e os elementos típicos ocorrem em grande número.

A região que nos ocupa é constituída, em sua maior parte, por um planalto de rochas granítico-gnáissicas pertencentes ao complexo cristalino brasileiro da época pré-cambriana, criptozóica. Em alguns pontos, desaparecem estas rochas, dando lugar ora a uma série de rochas metamórficas mais novas, semelhantes às da série de Minas, formada por filitos, quartzitos e calcáreo, ora a formações ainda mais modernas, de idade cretácea, dos sedimentos da série Jatobá, e ora, finalmente, a depósitos terciários e quartenários.

Dentre os últimos, ocorrem, em muitos pontos, formações conglomeráticas encerrando restos de mamíferos fósseis pleistocênicos. Também podem observar-se, em alguns lugares, brechas calcáreas recentes, (calcáreas das catingas) às vezes contendo abundantes conchas de gasterópodos atuais, que constituem, juntamente com os aluviões dos rios, as formações mais modernas.

Em Petrolândia e arredores, vê-se predominantemente um arenito cretáceo amarelado, muito atravessado por diáclases, apresentando, com freqüência, elevado grau de silificação que encerra abundantes nódulos e vênulas de sílex, das quais procede os numerosos seixos rolados desse material existentes na região.

Nesse arenito são frequentes as cavernas e abrigos, muitos deles utilizados pelo homem em épocas bastante antigas.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PALEOCLIMATOLOGIA DA AREA

Sobre a região em apreço, como sucede em quase todo o Brasil, não existem estudos específicos que possam esclarecer qual foi a sua evolução paleoclimática e conseqüentemente ecológica. Porém, os vestígios de formações geológicas pleistocênicas e os restos de animais extintos, nelas encontrados, são suficientes para demonstrar que mudanças climáticas profundas devem ter modificado radicalmente o clima da região sanfranciscana, especialmente no Médio-Baixo São Francisco, na última fase do pleistoceno (neo-pleistoceno) e no holoceno.

Nas formações quartenárias, em depressões que outrora constituíam lagoas temporárias, hoje completamente assoreadas, encontram-se depósitos aluvionários, encerrando ossos de mamíferos fósseis pleistocênicos. Nessas formações, denominadas "formações das cacimbas", frequentes na região e especialmente nas margens de certos riachos, e em baixadas, aparecem defesas de mastodonte, expansões terminais de ossos longos fragmentados e outras peças, em perfeito estado de conservação.

A existência de restos de proboscídios e outros animais de clima úmido, nas formações pleistocênicas do São Francisco, provam sobejamente que no quartenário o clima dessa região deveria comportar uma ecologia e, conseqüentemente, flora e fauna bem diferentes das atuais.

Pelo que se sabe a respeito das oscilações climáticas mundiais, 10 mil anos atrás, com o retrocesso dos gelos do último ciclo glacial, começou o breve período holoceno (pós-glacial ou recente), no qual nos encontramos.

Para alguns autores (J. Schobinger, 1969; 27), entre 8.000 e 9.000 anos antes de nossa era, um recrudescimento do frio fez com que o progressivo aumento da temperatura mundial retrocedesse novamente para recomeçar, a partir dos 8.000 a.C., o lento mas contínuo aumento da temperatura, considerando-se começado o pós-glacial, a partir dos 7.000 a.C., dentro do qual ainda se dá um pequeno estágio glacial (\pm 5.500-4.000 a.C.). Consideram outros autores a possibilidade de uma "neoglaciação" no sub-atlântico aproximadamente 500 a.C..

A região do São Francisco, faz 20 mil anos, estaria coberta de bosque de coníferas nas partes mais altas, e decíduas, nos vales, com clima frio oscilante. Entre os 8.000 e 9.000 anos a.C., o clima seria frio e úmido, e entre os 8.000 e os 7.000/6.500 a.C., paulatinamente fosse tornando temperado, seco no princípio e mais úmido depois.

Acredita-se que estas modificações climáticas fizeram com que

o mastodonte desaparecesse do hemisfério norte-americano 4.000 anos a.C., pouco mais ou menos.

Esta classificação dos climas do pós-glacial parece que convém perfeitamente aos fatos observados na região sanfranciscana. Assim sendo, a fase Itaparica, que encontramos em várias cavernas da região, e cuja cronologia é conhecida por análise de C-14, corresponde ao pequeno estágio glacial situado aproximadamente 5.500 anos a.C.. Tudo leva a pensar que essa teoria paleoclimatológica tem grandes possibilidades de ser certa. Não somente o fato de terem se refugiado em cavernas os portadores dessa cultura, senão a composição do complexo arqueológico, indica um tipo de cultura de coletores, ou talvez de caçadores-coletores ou caçadores inferiores, embora nenhuma evidência relacionada com atividades de caça se tenha encontrado até agora, que corresponda a uma ecologia bem mais benigna que a imperante atualmente, onde pouco ou nada teriam para apanhar os supostos coletores ou caçadores-coletores itapariquenses.

Aguardamos com interesse os resultados das análises polínicos de amostras de sedimentos retiradas da estratigrafia das cavernas estudadas.

OS SÍTIOS

De dois tipos são os sítios em que foi coletado o material em que se baseia este trabalho. Constituem os primeiros as cavernas que têm sido estudadas, onde, nos estratos mais profundos aparece uma indústria de lascas muito típica, embora nesses depósitos também sejam encontrados alguns artefatos pertencentes a outra tradição.

No que se refere aos do segundo tipo, até agora, são lugares aluvionais, cobertos de seixos rolados de tamanho médio, que serviram de matéria prima para os utensílios ali encontrados. Também nestes sítios, como ocorre nos depósitos das cavernas, aparecem artefatos de outra tradição. Estão sempre situados nos montículos existentes nas proximidades dos rios ou riachos ou nas ilhas do São Francisco.

Em ambos os tipos de sítios, a vegetação é sempre a mesma; caatingas como abundantes cactáceas e alguns arbutos de porte médio.

Nos sítios do segundo tipo, a dispersão dos artefatos de per-meio com os seixos rolados, por áreas de grandes extensões dificultam estabelecer as dimensões da área utilizada.

Também são encontrados sítios com material lítico de superfície, em lugares onde afloram vários tipos de quartzo, especialmente o chamado leitoso. Alguns deles apresentam uma quantidade de fragmentos e resíduos de lascamento verdadeiramente impressionante.

Consideramos tais sítios como oficinas, já que, na maioria dos casos a situação topológica em que se encontram não oferece condições para serem utilizados como acampamentos.

MATERIAL ARQUEOLÓGICO

Como foi visto, a região do rio São Francisco, compreendida entre Cabrobó e Petrolândia, tem sido a que mais abundante material lítico proporcionou até agora em todo o nordeste do Brasil.

Com base no estudo do material procedente de seis sítios se pode tentar uma seriação, cujas fases se estendem por um longo período de tempo que vai desde 5630 anos a.C. até época difícil de precisar, mas que provavelmente corresponde à última metade do primeiro milênio antes de nossa era, quando, por primeira vez deparamos com cerâmica nos estratos superiores da Caverna do Padre, em Itaparica.

Entretanto, a presença de artefatos líticos em sítios-oficinas ou em outros nos que também aparecem cerâmica de fases já identificadas, obrigou ao autor a considerar também a indústria lítica aparentemente associada às fases cerâmicas.

As características dos artefatos líticos coletados nesta região, assim como as dos sítios em que foram encontrados e as informações que ali se obtiveram, permitem já uma visão que, embora restrita e sujeita a revisões futuras, dá uma idéia da evolução seguida pela indústria lítica no rio São Francisco.

A matéria prima — Variadíssimas são as rochas utilizadas na fabricação de utensílios líticos correspondentes às faces da tradição Itaparica, evidentemente procedentes da região. Em ordem de popularidade, são os quartzitos os mais frequentemente aproveitados. O arenito silificado (fritado), ágata e outros materiais também são usados, reservando-se o sílex, em diversas variedades, para artefatos de fabricação mais cuidada e formas de esmerada perfeição.

Embora nem sempre seja possível estabelecer qual era a forma em que se apresentava o material que foi usado para a fabricação de utensílios líticos, o estudo das fontes de procedência do material pode esclarecer esse ponto. Com relação ao sílex, a presença de nódulos dessa rocha no arenito conglomerático da série Jatobá, existente na região, explica perfeitamente, tanto o tamanho como a forma de muitos artefatos encontrados. Seixos rolados desse material são frequentes na região, uma vez que a erosão tem destruído a maior parte das formações de arenito cretáceo que outrora a cobrira, depositando os detritos nos lugares mais insuspeitados.

Com relação aos artefatos de outros materiais, se pode assegurar que procedem de seixos rolados de diversas rochas e tamanhos,

coletados nos terraços formados pelo acarreo do rio em épocas recuadas, sendo a maior parte de quartzo leitoso. A preferência que se dava a rochas quartzíticas, de coloração escura, em determinadas fases, permite estabelecer que existia uma seleção de acordo com a funcionalidade dos utensílios. O quartzo leitoso apenas era usado na confecção de choppers ou artefatos de acabamento grosseiro. As lascas, em geral procedem de materiais os mais variados.

No que se refere a preferência de matéria prima, em cada tradição aqui descrita, se pode adiantar que a de seixos utilizou, quase que exclusivamente o de quartzo leitoso, tanto para a indústria de seixos propriamente dita, como para as lascas que eventualmente aparecem associadas.

CARACTERÍSTICAS DO MATERIAL DA TRADIÇÃO DE LASCAS

Nos quatro períodos em que foi dividida a estratigrafia da Caverna do Padre, os três primeiros oferecem um material sensivelmente uniforme, variando, um tanto, apenas o material que procede do mais recente. Assim sendo, sem prejuízo de fazer menção mais adiante às diferenças encontradas em cada período, preferimos realizar a descrição e estudo de todas as peças como um conjunto, sem indicar sua procedência.

Raspadores — O tipo de raspadores mais freqüente é o semi-circular plano convexo (8,92%), sobre lasca espessa de aspecto tosco, cujo retoque pode variar desde o simples, realizado por percussão direta, até um fino acabamento por pressão. Segue em ordem percentual os raspadores líticos altos, que consideramos dignos de menção, tanto os simples como os duplos. Esta categoria de artefatos, todos fabricados a partir de lascas, compreende ademais raspadores discoidal, ungiforme, terminal, terminal em leque, elíptico alto, elíptico fino, piramidal, pedunculado, circular bi-facial, semi-circular bi-facial, quadrangular plano convexo, triangular bi-facial, raspador talhador discoidal, denticulado, côncavo, atípico, nucleiforme, raspador buril espesso, raspador buril sobre lascas, raspador buril quadrangular.

Buris — Segundo a classificação universalmente aceita, seguida aqui com alguma liberdade, foram diferenciados os seguintes tipos de buris: buril sobre truncatura, buril duplo ou lesma, raspador-buril espesso, raspador-buril sobre lasca e raspador-buril quadrangular, além de um tipo de buril simples.

O tipo mais abundante é o raspador-buril espesso (1,79%). Se pode assegurar que todos os buris, tanto os compostos como os simples, foram feitos sobre lascas.

Pontas plano-convexas — São estes os artefatos mais belos do conjunto do material que estudamos; se trata de uma série de pontas plano-convexas que dominamos pontas-faca ogivais e pontas-raspador. Não são abundantes numericamente, mas sua presença em diferentes níveis da Caverna, contribuem para dar uniformidade ao conjunto. À primeira vista, estas peças lembram certas indústrias descritas para os extremos sul e norte do continente sulamericano (Menguin e Crusent).

Plainas — Artefatos com características que autorizam a classificá-los como plainas são encontrados no rol de utensílios coletados na estratigrafia na Caverna do Padre e em outras que ficam vizinhas. São em geral grandes com as bordas em ângulo bastante, aberto e foram divididas em três tipos: plainas plano-convexas, plainas nucleiformes e plainas atípicas.

Raedeiras — Com alguma reticência, atrevemo-nos a classificar como raedeiras alguns artefatos cuja funcionalidade poderia ter sido a de raer. Receberam a denominação provisória de raedeiras semi-circulares plano-convexas, raedeiras discoidais uniface, raedeiras faca e raedeiras chopper.

Chopper — A vista do material fabricado a partir de seixos, distinguimos os tipos de chopper e chopping-tool, aos quais correspondem 9,56% de todos os artefatos classificados.

Lascas — Foram divididas nos seguintes tipos: lascas espessas preparadas, lasca cortical preparada e peças com entalhe ou escotadura, cuja soma perfaz 42% do material. São assim os artefatos mais frequentes nas fases que compõem a tradição Itaparica.

ANÁLISE ESTATÍSTICA DA TRADIÇÃO DE LASCAS

Considerando provisoriamente, como fases cada um dos períodos em que foi dividida a estratigrafia da gruta do Padre, na cachoeira de Itaparica (Rio São Francisco) começaremos por analisar alguns aspectos do complexo lítico encontrado no período IV, o mais antigo conhecido, até a data, no nordeste brasileiro.

Nessa fase, o maior número de tipos corresponde à categoria de raspadores (22 tipos), cuja soma de exemplares atinge a quase 27% da coleção. Entretanto, apenas os quatro tipos de lascas com vestígios de uso ou com morfologia reconhecidamente intencional, alcançam 38,24% de todos os litos que de alguma maneira foram considerados como utensílios. Se a estas devem ser somados os artefatos fabricados a partir de diversos tipos de lascas, encon-

trados no resto do material, teremos, provavelmente, que 91% dos utensílios foi feito a partir daquelas, o que as caracteriza como matérias prima preferida para a indústria desta fase, fazendo com que se possa classificar a itapariquense como um indústria de lascas. Mas a circunstância de que todas essas lascas, além de apreciável quantidade de artefato, provenha de seixos rolados, permite considerar também essa indústria como de lascas e seixos, com o qual fica melhor caracterizado o complexo.

Quando nos referimos aos raspadores, foi dito que estes, divididos em 22 tipos, constituíam 27% da coleção, o que demonstra a escassa representação numérica que tem cada tipo. Isso faz com que acreditemos na necessidade de revisar essa tipologia. Assim o aconselha a falta de descrições tipológicas, e os escassos conhecimentos que se tem sobre a tipologia lítica brasileira, assim como a ambigüidade da terminologia utilizada. Em casos como este, onde a maior parte dos artefatos, com raras exceções, (raspadores elíticos e semi-circulares), não estão bem fixados morfologicamente, a convidativa proliferação de tipos é um erro, no qual, possivelmente cairemos, bem contra nossa vontade. Mais pesquisas e maior número de complexos minuciosamente descritos, poderão decidir sobre a validade de alguns tipos utilizados aqui.

Não é muito diferente do período IV a curva acumulativa do período III, a qual apenas aumenta percentualmente nos raspadores melhor elaborados (28,19%) e nos buris e pontas-faca (17,97%). Para a caracterização deste período, é altamente significativa a associação de buris, pontas-faca e raspadores em proporção bastante alta. As lascas continuam com o percentual elevado, quase idêntico ao do período anterior.

É necessário deixar anotado aqui que o achado no período III de uma lâmina polida de machado e um martelo, assim como, talvez alguns outros artefatos, devemos atribuí-lo, provavelmente, a mistura de utensílios do período II, ou mesmo do I, já que foram coletados numa quadra que, por ser a mais próxima da entrada da Caverna do Padre, e por concluir exatamente ali os extremos dos estratos mais superficiais, foi constatada certa conjugação das camadas, assim como o desaparecimento de várias delas. No período II, as diferenças que encontramos para o período anterior, com exceção dos raspadores elíticos finos e o aumento considerável dos raspadores menos elaborados (38,67%), continuam sendo a principal característica. Também neste período os buris são significativos, diminuindo as pontas e continuando a estar as lascas bem representadas.

No período I, diminuem consideravelmente os raspadores do tipo melhor elaborado, e nota-se a ausência, quase total, dos buris

(2,44%) e de pontas de vários tipos. Em troca é notável o aumento dos artefatos dos seixos e das lascas menos elaboradas (41,40%). Também aqui foi encontrado um martelo e uma pedra redonda de moer.

CARACTERÍSTICA DO MATERIAL DA TRADIÇÃO DE SEIXOS

Não existem motivos para subdividir em fases o material lítico da tradição de seixos coletado nos cinco sítios investigados. Todos os artefatos constituem um conjunto homogêneo e definido, com características bastante particulares, suficientes para poder estabelecer um diagnóstico classificatório seguro.

Com exceção de alguns tipos de artefatos os restantes foram descritos para a tradição de lascas, pelo que deixamos de fazê-lo agora.

Pedras de moer — São utensílios em que os seixos rolados de quartzo leitoso, em geral, arredondados com uma ou mais faces planas, escolhidos pela forma apropriada à função que se destinam, não sofreram nenhuma modificação prévia. Apenas se observam as marcas ou cicatrizes deixadas nas superfícies planas pelo atrito provocado pela ação de moer ou triturar alimentos, e, talvez, corantes.

Lâmina polida de machado — De vários tipos e tamanhos, assim como de diversas rochas, são freqüentes as lâminas polidas de machado na tradição de seixos. No conjunto que analisamos, uma lâmina polida, com gargalho pouco desenvolvido, fabricada a partir de um seixo rolado de quartzito branco esverdeado marca a presença destes artefatos.

Triturador aplicado — bigorna — Sem dúvida são os utensílios mais característicos desta tradição, não só por encontrar-se em apreciável quantidade, senão também pelo tamanho da robustez da maior parte dos exemplares, todos feitos de seixos rolados de quartzo leitoso, em formato alongado. Foram divididos em dois tipos: duplos, quando apresentam em ambos os extremos desgaste e cicatrizes produzidas pela ação de triturar alimentos ou outras matérias, em concavidades naturais ou artificiais das rochas, ou em almofarizes de pedra de forma quadrangular; simples, quando apenas as evidências do uso aparecem em um dos extremos dos seixos. Sem dúvida, alguns deles tiveram outra função. Pode deduzir-se do fato de que na face alongada de vários deles nota-se uma depressão do tamanho de uma moeda ou um picotado profundo em uma ou nas duas faces, que denunciam o uso do artefato como bigorna ou quebra-cocos.

Percutor — Embora esta categoria de instrumento seja comum às duas tradições, na de seixos o tamanho dos percutores atinge proporções respeitáveis que indicam o tipo de artefatos com eles elaborados. Muitas vezes são de quartzo leitoso ou de quartzito, apresentando-se piriformes ou alongados.

Pedras redondas — Seguramente utilizadas para alisar cerâmica, são encontradas nesta tradição pequenos seixos rolados redondos, plano-convexos, com as superfícies bem polidas.

Peças polidas — Fragmentos de tembetás e outras peças pequenas de quartzo verde ou amazonita, em fase de picotado ou polido acham-se associadas aos artefatos da tradição de seixos, por vezes com índices bastante representativos.

ANALISE ESTATÍSTICA DA TRADIÇÃO DE SEIXOS

Para a análise estatística desta tradição, dado o escasso número de artefatos encontrados em alguns sítios, utilizaremos apenas o quadro geral, considerando todo o material como um conjunto.

Percentualmente os artefatos mais abundantes são as lascas corticais, preparadas (20,4%), seguidas dos choppers (18,2%), dos raspadores quadrangulares plano-convexos (16%), os trituradores, pedras de moer e martelos, que ao todo perfazem 16%, e dos raspadores semi-circulares plano-convexos (6,4%), sendo os restantes artefatos escassamente representados, variando entre 1,1 e 2,2% apenas.

A análise do quadro que apresenta esta tradição revela que se trata de uma indústria lítica rude, na qual faltam os artefatos bem acabados, composta preferentemente de utensílios fabricados com seixos rolados, onde o homem quase nenhuma modificação introduziu.

Por outra parte, esse material fala de uma mudança radical na economia dos grupos portadores, já que muitos dos artefatos analisados tinham por função moer e triturar alimentos, provavelmente grãos, como o milho por exemplo. A associação de lâminas de machado e outros artefatos polidos vem a completar o quadro que interpretamos como correspondente a uma cultura de coletores e agricultores incipientes conhecedores da cerâmica, como demonstra a presença deste elemento cultural em alguns sítios desta tradição.

CONCLUSÕES

Do exposto se deduz que a história das indústrias líticas do São Francisco apresenta, pelo menos, dois estágios perfeitamente

definíveis. O primeiro, composto pelos estratos mais profundos da Caverna do Padre, na Cachoeira de Itaparica, compreende uma indústria de lascas e seixos, dividida em duas fases, (períodos IV, III e período II), onde predomina os raspadores líticos plano-convexos, semi-circulares, ou com tendências trapezoidal, com ou sem restos corticais, assim como lascas sem retocar ou com pouco retoques, pontas-faca, pontas-raspador e buris. Todo este material, com exceção talvez das pontas-faca, provém de seixos rolados.

Apesar da falta de fixação de alguns tipos de raspadores, é necessário reconhecer que dentro do complexo, eles e as pontas-faca plano-convexas são os artefatos que mais contribuem para a caracterização desta indústria. Junto deles, os buris, tão mal conhecidos na bibliografia brasileira, e, entretanto, tão importantes para a classificação de um complexo, vem auxiliar na distinção. Não são numericamente expressivos, embora tenha interesse para estabelecer as características culturais do grupo responsável pela elaboração da indústria itapariquense (lascas).

Resumindo poderíamos dizer que a tradição de lascas e seixos se caracteriza pela abundância das primeiras, corticais ou secundárias, em grande parte preparadas, sobre as quais foram elaborados quase todos os utensílios, quando não foram utilizados sem retoques posteriores a seu debitagem. Dentre os artefatos de morfologia indubitavelmente intencional, sobressaem os raspadores, tipologicamente muito abundantes, resultando de grande interesse a constatação de buris de diversos tipos, embora não bem fixados (Calderón, 1970, m. s.).

É evidente que na tradição de lascas e seixos, que recebeu nome de Itaparica, se encontram associados elementos típicos de outras correntes culturais de âmbito continental ou mesmo universal. Referimo-nos a presença de artefatos cuidadosamente elaborados junto a grosseiros choppers, apenas delineados sobre seixos rolados. Embora esta associação quer parecer-nos que é uma das características mais generalizadas na arqueologia lítica americana, nem sempre é convenientemente descrita na bibliografia disponível, por considerar-se que, dada a sua rudeza, carecem de importância.

Entretanto as diferenças técnicas são tão grandes nos artefatos de ambas tradições, que a presença ou ausência de alguns desses elementos modifica radicalmente o quadro da fase estudada.

É o que se nota na tradição de seixos que acabamos de descrever, onde o aspecto do conjunto de artefatos é muito semelhante à tradição de lascas, embora a ausência de artefatos de execução cuidadosa, como os raspadores elíticos e as pontas de todos os tipos, e a aparição de trituradores, pedras de moer, almofarizes e artefatos polidos, assim como o incremento do percentual de choppers

indica, sem nenhum gênero de dúvidas, que estamos perante outra cultura ou indústria, sem necessidade de levar em consideração outros elementos, como a cerâmica que se encontra associada.

Como já ficou dito, datas de C-14 provam que a tradição de lascas chegou a Caverna do Padre no VI milênio a.C.. Consta também que uma nova tradição se instalou nessa caverna aproximadamente 300 anos a.C.. Era esta a tradição de seixos com cerâmica incipiente que encontramos no nível mais moderno, e cujas características líticas eram as mesmas que as encontradas em complexos procedentes de sítios abertos da região, alguns deles enquadrados em tradições cerâmicas conhecidas de nossa era.

Para finalizar, parecem necessárias algumas considerações em torno a possível origem e colocação teórica de ambas tradições descritas, especialmente a primeira, de lascas e seixos, onde, como ficou dito, se nota a mistura de elementos provenientes de outras tradições, de âmbito continental.

Para alguns autores modernos (Schovinger, 1969; 58) todos os conjuntos arqueológicos protolíticos sul-americanos entre 15.000 e 1.000 a.C. podem ser atribuídos a povoações de caçadores inferiores e recoletores, adaptados a diversos meios e herdeiros de diversas tradições. Basicamente estas tradições seriam; 1) de seixos (percutores ou choppers e chopping tools, segundo uma terminologia que se tem feito clássica) a lascas mais ou menos grandes e toscas — com ou sem associação de indústria óssea — (Camaré e Taima-Taima, Ghapchi I (?), Mal Paso, Barrancas, Rio Riogalleguense I); 2) de lascas mais elaboradas, com menos importância ou quase inexistência de seixos (Rio Riogalleguense II, Tandiliense, Catalanense, eventualmente algum sítio de missões e José Vieira em seus estratos mais antigos); e 3) de bi-faces (é dizer, artefatos sobre núcleos, mas que também incluem lascas diversas em seu acervo), integrada por Las Lagunas, Manatíal, Chivateros I e II, Loma Negra, Talabre, Três Morros e Ampajango, entre outros).

Esse autor considera também uma segunda corrente cultural americana que seria a dos caçadores superiores de indústrias niolíticas com pontas de projétil, provavelmente com uma cronologia idêntica a que sugerem para o protolítico.

Dentro do complexo paleoíndio ou paleolítico americano, distingue Hansjürgen Müller-Beck (Science, vol. 152, n.º 3726) duas tradições técnicas de origens muito diferentes; uma com pontas de projétil líticas e outras sem elas. Os artefatos da segunda tradição consistem, em grande parte, em implementos de pedra imperfeitos, poucos dos quais são bem trabalhados. Isso não implica em que seja mais antiga do que a outra, provavelmente se desenvolveram paralela e sincronicamente, misturando-se em repetidas ocasiões,

embora se conservassem alguns grupos bem caracterizados até bastante avançado o holoceno. A uma destas tradições misturadas deve corresponder a indústria de Itaparica.

Entretanto, seria necessário considerar uma outra tradição mais recente derivadas das anteriores; a tradição de seixos-choppers chopping tools — com artefatos polidos e cerâmica que tem características próprias e perdura até bem avançada nossa era.

VALENTIN CALDERÓN

Bibliografia — Calderón, Valentin. *A Caverna do Padre* (m.s.).
Schobinger, Juan. *Prehistoria de Suramérica*. Barcelona, Labor, 1969. 295p.

CAVERNA DO PADRE

N.º	Tipo	Nível V - IV		Nível III		Nível II		Nível I		Superfície		Total geral	
		Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
1	Raspador discoidal ou circular							1	2,44			1	0,44
2	Raspador unguiforme					1	3,22			2	3,64	3	1,34
3	Raspador terminal	1	1,72	2,56	1	1	3,22	1	2,44	1	1,82	5	2,23
4	Raspador terminal em leque	1	1,72									1	0,44
5	Raspador elíptico alto	1	1,72	15,38	6	2	6,45					9	4,01
6	Raspador elíptico fino	2	3,44									2	0,89
7	Raspador piramidal	1	1,72									1	0,44
8	Raspador pedunculado	1	1,72					1	2,44			2	0,89
9	Raspador circular bi-facial			2,56	1							1	0,44
10	Raspador semi-circular plano convexo	5	8,60	2,56	1	2	6,45	4	9,76	8	14,54	20	8,92
11	Raspador semi-circular bi-facial	1	1,72					1	2,44			2	0,89
12	Raspador quadrangular plano convexo			5,13	2	3	9,67	3	7,30			8	3,57
13	Raspador triangular bi-facial					1	3,22					1	0,44
14	Raspador sobre lasca cortical simples		1,72			1	3,22					2	0,89
15	Raspador talhador discoidal							2	4,88			2	0,89
16	Raspador denticulado					1	3,22			2	3,64	3	1,34
17	Raspador côncavo			2,56	1			1	2,44			1	0,44
18	Raspador atípico			2,56	1	1	3,22					1	0,44
19	Raspador nucleiforme ou carenado			2,56	1	2	6,45	1	2,44			4	1,79
20	Raspador buril espesso					1	3,22					1	0,44
21	Raspador buril carenado sobre lascas	1	1,72	2,56	1	1	3,22					2	0,89
22	Raspador buril quadrangular			2,56	1							1	0,44
23	Buril sobre truncatura											1	0,44
24	Buril	1	1,72							1	1,82	2	0,89
25	Buril duplo ou lesma	1	1,72									1	0,44
26	Uniface semi-discoidal	2	3,44									2	0,89
27	Bi-face espesso	1	1,72	2,56	1							1	0,44
28	Ponta faca ogival			5,13	2					1	1,82	2	0,89
29	Ponta raspador	2	3,44			1	3,22					5	2,23
30	Plaina plano convexa nucleiforme	1	1,72							2	3,64	3	1,34
31	Plaina nucleiforme	1	1,72									1	0,44
32	Plaina atípica	2	3,44									2	0,89
33	Raedeira semi-circular plano convexa	1	1,72									1	0,44
34	Raedeira discoidal uniface	1	1,72									1	0,44
35	Raedeira faca	2	3,44	5,13	2			1	2,44			3	1,34
36	Raedeira chopper			2,56	1	1	3,22	1	2,44			4	1,79
37	Chopper	5	8,60			1	3,22	2	4,88	8	14,54	17	7,59
38	Chopping tool			2,56	1			1	2,44	3	5,45	4	1,79
39	Peça com entalhe ou escotadura	1	1,72			1	3,22	2	4,88			5	2,23
40	Lasca espessa preparada nucleiforme	2	3,44									2	0,89
41	Lasca raspador	1	1,72	25,64	10	3	9,67			5	9,09	9	4,10
42	Lasca preparada	14	24,08	7,69	3	4	12,90	14	34,10	15	27,27	57	25,44
43	Lasca cortical preparada	5	8,60	2,56	1	3	9,67	3	7,30	7	12,72	21	9,37
44	Pedra de moer							1	2,44			2	0,89
45	Martelo							1	2,44			1	0,44
46	Núcleo piramidal			2,56	1							1	0,44
47	Lâmina de machado polida			2,56	1							1	0,44
48	Fragmentos de artefatos			2,56	1	1	3,22					2	0,89
		58	99,56	39	99,94	31	99,90	41	99,99	55	100,00	224	100,00

SÍTIOS SUPERFICIAIS

N.º	T i p o	Favela		Lagoa		Campo Formoso		Catinguinha		Faz. Cachoeira		Total geral	
		Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
1	Raspador discoidal ou circular												
2	Raspador unguiforme												
3	Raspador terminal												
4	Raspador terminal em leque												
5	Raspador elíptico alto	1	1,6							1	20,0	2	2,2
6	Raspador elíptico fino												
7	Raspador piramidal												
8	Raspador pedunculado												
9	Raspador circular bi-facial	1	1,6									1	1,1
10	Raspador semi-circular plano convexo	3	4,9	1	12,5	2	22,2					6	6,4
11	Raspador semi-circular bi-facial												
12	Raspador quadrangular plano convexo	6	9,8	2	25,0	2	22,2	3	30,0	2	40,0	15	16,0
13	Raspador triangular bi-facial	1	1,6			1	11,1					2	2,2
14	Raspador sobre lascas cortical simples	1	1,6									1	1,1
15	Raspador talhador discoidal												
16	Raspador denticulado												
17	Raspador côncavo												
18	Raspador atípico												
19	Raspador nucleiforme ou carenado												
20	Raspador buril espesso	1	1,6									1	1,1
21	Raspador buril carenado sobre lascas												
22	Raspador buril quadrangular												
23	Buril sobre truncatura												
24	Buril	1	1,6									2	2,2
25	Buril duplo ou lesma					1	11,1						
26	Uniface semi-discoidal												
27	Bi-face espesso												
28	Ponta faca ogival												
29	Ponta raspador												
30	Plaina plano convexa nucleiforme												
31	Plaina nucleiforme												
32	Plaina atípica												
33	Raedeira semi-circular plano convexa												
34	Raedeira discoidal uniface												
35	Raedeira faca											1	1,1
36	Raedeira chopper	1	1,6					1	10,0			17	18,2
37	Chopper	16	26,4									1	1,1
38	Chopping tool	1	1,6									1	1,1
39	Peça com entalhe ou escotadura	1	1,6										
40	Lasca espessa preparada nucleiforme												
41	Lasca raspador											2	2,2
42	Lasca preparada			1	12,5	1	11,1					19	20,4
43	Lasca cortical preparada	12	19,8	1	12,5	1	11,1	5	50,0			1	1,1
44	Pedra de moer	1	1,6									3	3,2
45	Martelo-triturador	1	1,6							2	40,0		
46	Núcleo piramidal											1	1,1
47	Lâmina de machado polida			1	12,5								
48	Fragmentos de artefatos												
49	Triturador apical — bigorna dupla ou simples	8	13,2					1	10,0			9	9,6
50	Percutor	2	3,4	2	25,0	1	11,1					5	5,4
51	Pedra redonda	3	4,9									3	3,2
52	Peças polidas, tembetás, etc.												
		61	100,0	8	100,0	9	99,9	10	100,0	5	100,0	93	100,0